

RESENHAS

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2007, 359 p.

Wilson Gambeta

Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O Brasil exporta por ano cerca de oitocentos jogadores profissionais e, mesmo assim, consegue manter no país pelo menos uma dezena de times – entre os mais de oitocentos clubes brasileiros credenciados pela Fifa – com capacidade para competir em pé de igualdade nos confrontos internacionais de alto nível. Esse seria um claro sinal da excelência dos nossos centros de formação de futebolistas que abastecem o mercado com levas sem fim de novos talentos, diríamos nós. No entanto, Arlei Damo revela em *Do dom à profissão* um lado pouco conhecido dos torcedores e nem sempre elogiável desses centros onde milhares de jovens são submetidos, desde a infância, a programas de treinamentos intensivos, que podem durar até dez anos e acumular cerca de cinco mil horas de atividades, sem que os sonhos de sucesso profissional se concretizem para a maioria dos iniciados. Nas pesquisas para elaborar a sua tese de doutorado, da qual o livro é fruto, o autor frequentou o centro de formação do Sport Club Internacional na cidade de Porto Alegre e fez estudos comparativos no centro francês do Olympique de Marselha, visitou o do F. C. Nantes e o do Athletic Club de Bilbao no país basco espanhol. O cotejamento entre as situações distintas evidenciou que a quantidade expressiva de boleiros brasileiros despejada regularmente como mercadorias para o futebol de espetáculos está bem longe de significar uma preparação qualitativa dos jovens para os desafios da profissão e muito menos para os prováveis insucessos.

Arlei distingue claramente a versão espetacularizada das leigas: o futebol de rua, que ele chama de “matriz bricolada”, o futebol de várzea, “matriz comunitária”, e a “matriz escolar”. O futebol de espetáculos tem organização monopolista, globalizada pela Fifa-IB, é um esporte para exibições públicas mercantilizadas e os centros cumprem a função de lapidar talentos para atuações (*performances*). No extremo oposto, o futebol de rua é uma prática informal que admite a livre variação das regras, da configuração em equipes e dos recursos materiais. Sem controles externos, esses jogos improvisados estimulam os ensaios criativos, o desenvolvimento de habilidades e despertam potenciais talentos. Servem para a afirmação das identidades, para a iniciação dos meninos nos fundamentos do jogo e nos atributos simbólicos da masculinidade. Os jogadores de rua são a base primária para o recrutamento das tradicionais “escolinhas” e dos modernos centros de formação de profissionais. Essa origem nos jogos de rua é tida como um diferencial importante para os jogadores brasileiros perante os estrangeiros que recebem sua iniciação em academias e escolas.

A distinção que o autor faz, logo no início do livro, das matrizes comunitária e escolar pode criar para o leitor a expectativa de que também examinará as interfaces entre elas e o futebol de espetáculos, ou então que descreverá a perda da importância que tiveram como fonte de boleiros em épocas passadas. Mas ele concentra atenções somente nos centros especializados contemporâneos, vinculados ou mantidos diretamente pelos clubes, por entender que hoje não se produzem mais futebolistas profissionais fora deles. A globalização dos espetáculos promovida nas últimas décadas pela mídia, que faz girar bilhões de dólares no mercado futebolístico, bem como o enfraquecimento do poder dos clubes brasileiros sobre a comercialização dos seus atletas, após a Lei Zico (1992) e a Lei Pelé (2001), generalizou a formação profissionalizada e o agenciamento, um fenômeno recente na história. Fica, porém, a dúvida se o quadro descrito para Porto Alegre pode ser estendido para todo o país, ou se o futebol de várzea e o escolar – bem como outras formas amadoras não citadas pelo autor e sempre lembradas pela crônica esportiva como reveladoras de talentos (o futsal, o *society* e o futebol de praia) – ainda têm papel significativo em outras regiões e se contribuem de alguma forma na preparação de atletas.

O processo de formação é classificado em três tipos ideais: endógeno, exógeno e híbrido. No endógeno, o clube promove os jogadores vindos de suas categorias de base visando não apenas a economia de custos, mas, principalmente, fortalecer os vínculos de identidade. Os clubes que adotam exclusivamente esse modelo, antes comum no futebol amador, estão em vias de desaparecimento. O autor mostra o exemplo do Athletic Bilbao, que conheceu de perto, em que o critério

de recrutamento são as origens bascas dos jogadores, por óbvias razões nacionalistas. O tipo de formação exógena está em plena expansão, especialmente nos países sul-americanos e africanos. Ele é organizado por empresas que produzem “pés-de-obra” para vender os seus direitos federativos (antigo passe) aos clubes com grandes torcidas, ou a empresários mediadores. É apresentado o caso da Talento S/A que, no Rio Grande do Sul, além de um centro de preparação, mantém um pequeno clube, o RS F. C., com as funções de treinar e exibir os seus jogadores/mercadorias em competições. Finalmente, o modelo híbrido é aquele seguido pelos clubes da primeira e segunda divisões brasileiras, que conciliam a formação afetiva das “pratas da casa” com a produção para o mercado, conforme a conveniência de cada momento, por isso ele o chama de oportunista. É o caso do Internacional, estudado em maior detalhe.

O mercado de trabalho para futebolistas tem pouca elasticidade, pois o número de clubes com torcidas numerosas não se expande. O futebol de espetáculos não existiria sem as comunidades afetivas dos clubes, as torcidas, que partilham os mesmos sentimentos e esperam sempre assistir a *performances* vitoriosas dos seus times. O “clubismo” é a força motriz do futebol – classificada pelo autor como um totenismo moderno – que arrasta consigo sentimentos de pertencimento e de afeto familiar identificado com o clube e não necessariamente com os jogadores do time. O clubismo é um sistema estabilizado, enquanto a quantidade de torcedores cresce continuamente e estes mantêm vínculos permanentes com os seus respectivos clubes. O número de clubes com grandes torcidas não aumenta, o que limita os postos disponíveis para a profissionalização dos boleiros formados. O excesso de talentos futebolísticos gerados no país intensifica a sua circulação e só encontra vazão no mercado exterior. O Brasil é considerado um celeiro de craques para clubes estrangeiros porque é grande a oferta de jogadores com reputação técnica, são insuficientes as oportunidades internas de trabalho e os preços, além de baratos, são atraentes pelos desníveis cambiais entre moedas. Porém, no mercado internacional, a estabilidade do clubismo se repete e é agravada pela limitação legal de cotas para jogadores estrangeiros. As oportunidades nos cinco principais cenários europeus (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália) são igualmente restritas, a competição por vagas é maior e a maioria dos emigrados só encontra lugar em países onde os campeonatos disputados não têm a mesma visibilidade na mídias. Chega a oitenta o número de países que recebem jogadores brasileiros, incluindo vários com pouca tradição no esporte, como a Albânia, o Sudão e o Vietnã.

A Fifa estabelece regras internacionais para o comércio de direitos federativos nas trocas entre clubes e, até certo ponto, isso condiciona as etapas de formação

de jogadores, além das legislações específicas de cada país (quando existentes) e as deliberações das federações nacionais (a CBF no caso do Brasil, ou a FFF na França). Na comparação que o autor faz entre a formação “à francesa” e “à brasileira” são evidenciadas algumas diferenças importantes. A França, com a criação do Institut National du Football, pôs em prática, a partir de 1973, um plano para, além do aprimoramento técnico, formar jogadores que estivessem capacitados para assumir outras profissões (reconversão) em caso de insucesso na carreira de futebolista. A federação francesa (FFF) atua como uma parceira do Ministério da Juventude. Ela impõe normas para o funcionamento dos centros de formação, regulamenta os campeonatos da primeira e da segunda divisões, as ligas regionais e distritais, abrangendo cerca de vinte mil clubes amadores e dois milhões de praticantes licenciados. Enquanto isso, a brasileira CBF limita-se a organizar os campeonatos nacionais que possuem valor de mercado e deixa a formação de jogadores livre para a atuação de clubes e empresários.

As transformações iniciadas no futebol francês na década de 1970 visavam tanto a melhoria no desempenho nacional como estabelecer a autoridade federal no meio futebolístico. O sistema foi integrado, as normas são fiscalizadas e seguidas em todo o país, elas exigem os mesmos diplomas (em cursos referendados pela FFF) para todos os formadores, a maioria dos quais são ex-jogadores, e também preveem obrigações para os clubes. No Brasil, não há normas específicas para a atuação profissional nos centros de formação, os cargos são disputados entre os habilitados em cursos de educação física e ex-boleiros, muitos destes não diplomados. Os jovens jogadores franceses são distribuídos em cinco faixas etárias, a partir dos quinze anos de idade, e o clube fica responsável pela sua escolarização até se tornarem profissionais. Esta é a principal diferença em relação ao modelo brasileiro. O Estado francês distribui subsídios para os centros de formação seguindo critérios classificatórios, conforme o aproveitamento dos jogadores nos times principais. Para um país que vinha de sucessivos fracassos nas décadas anteriores, essa política trouxe como resultados concretos a conquista da medalha de ouro nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), da Eurocopa (1984 e 2000) e da Copa do Mundo (1998).

A comparação entre “a formação de futebolistas no Brasil e na França”, anunciada desde o título da obra, foi de grande importância para o estudo empreendido por possibilitar um deslocamento de visão, um contraste crítico para os olhares tão acostumados com o panorama local. Entretanto, ela ficou a meio caminho, pois se restringiu às principais questões organizacionais. O leitor ficará sem conhecer não apenas os métodos de treinamento desenvolvidos nos centros franceses – que segundo o autor não diferem muito entre os países e hoje são de

amplo conhecimento –, mas, principalmente, sobre as formas de recrutamento praticadas lá, as interações com aquelas demais “matrizes” classificadas no início do livro, a imagem que a profissão de futebolista tem para os jovens franceses, o ambiente dentro das concentrações, o papel dos agentes e empresários junto aos jogadores e seus familiares, como eles convertem e distribuem os rendimentos obtidos com seus talentos futebolísticos em benefício próprio ou de outros. Esses aspectos, bastante significativos, são analisados em detalhes para o caso de Porto Alegre, ou, mais especificamente, para o Sport Club Internacional. Permanece aqui, também, a dúvida se o recorte é representativo para todo o país como está sugerido na obra, principalmente pela ausência de uma regulamentação nacional.

Arlei Damo fez uma pesquisa de opiniões (*survey*) com pré-adolescentes de ambos os sexos, estudantes de cinco escolas (duas privadas e três públicas) de Porto Alegre para confirmar se a profissão de futebolista era cobiçada entre os jovens, tal como diz o senso comum. Constatou que as percepções são desiguais conforme a classe social e gênero e que a carreira de jogador de futebol tem maior prestígio entre os meninos das classes populares, mas é menos valorizada ou até desdenhada pelos outros segmentos. Uma das consequências das percepções disseminadas na sociedade é que os futebolistas egressos das camadas mais pobres tendem a encarar a profissão como prestigiosa, privilegiam o aprendizado futebolístico em detrimento do escolar e insistem na carreira mesmo diante de fracassos, não raro por falta de outras opções. Os altos salários, a fama e a vida boêmia que estão associados à imagem de alguns poucos futebolistas dos clubes de elite, estão muito longe do cotidiano enfrentado por aqueles que tentam a profissão. Eles terão que superar longos ciclos de aprendizagem e preparação, ingressarão numa carreira curta (até os 35 anos, se tanto) e de auge precoce (entre 24 e 26 anos), com grandes desigualdades salariais e baixas remunerações – segundo a CBF, mais da metade dos jogadores têm ganhos fixos de menos de um salário mínimo –, riscos de acidentes, desemprego e a difícil reconversão para outro tipo de trabalho. O aparente sucesso da produção brasileira de boleiros para o mercado esconde o excesso de oferta, o alto número de carreiras abortadas e de jovens abandonados sem qualificação profissional.

O conceito de “capital futebolístico”, inspirado na obra de Pierre Bourdieu, é usado para definir o conjunto de atributos físicos, psíquicos e sociais exigidos de um menino para ser aceito num centro de formação e nele permanecer até se profissionalizar. São capacidades que vão além das qualidades técnicas e podem incluir fatores impessoais como os vínculos com agentes e empresários de prestígio. Ser recrutado por um desses centros é o passo fundamental para a carreira, pois, como vimos, o autor afirma que não se forjam mais jogadores fora deles, em

parte alguma. Ali, os talentos futebolísticos são aprimorados, moldados, fabricados conforme a demanda para os espetáculos. A dinâmica do jogo em exhibições públicas necessita das especializações que dividem as tarefas dentro de uma equipe (goleiro, zagueiros, lateral, volante, meia e atacante) e o processo de formação se encarrega de produzi-las e potencializá-las. Para ocupar uma dessas posições, além dos dotes físicos, o aspirante deve acumular capitais motores, psicológicos e cognitivos específicos e contarão a seu favor as versatilidades que demonstrar ao longo do processo. Mas são qualidades que nem sempre podem ser medidas e o sucesso profissional exige ainda outras, é preciso que saiba governar os talentos e aplicá-los bem no seu mundo de atuação, ou seja, deve agregar “capitais simbólicos” e “capitais sociais” também. Ao contrário do futebol de rua, o de espetáculos exige economia de movimentos, um domínio do tempo de jogo e da ocupação dos espaços no campo, uma disciplina tática que permita transferir os talentos a favor da equipe, uma resistência aos desgastes psíquicos em situações adversas, capacidade para manter atuações regulares sob tensão e de conviver harmoniosamente com o mesmo pequeno grupo masculino fora do gramado.

As rotinas de aprendizagem (pré-formação) dentro de um centro têm início para os meninos na faixa etária entre dez e quatorze anos de idade, mas, antes disso, eles já devem ter adquirido as técnicas mais elementares nos jogos de rua e/ou nas escolinhas e exibir aptidões que possam ser aprimoradas. A formação propriamente dita inicia-se nas categorias de base aos quinze anos e pode se estender até os vinte. Para os poucos escolhidos, a plena profissionalização se concretiza com o acesso ao time principal, ou com a comercialização dos seus direitos federativos no mercado. É possível o ingresso de adolescentes vindos de outros centros em qualquer etapa desse funil, mas as exclusões de concorrentes são mais prováveis do que as entradas, pois a competição se acirra progressivamente entre aqueles que conseguem ascender das categorias inferiores e chegam a disputar as poucas vagas abertas por ano na equipe superior.

A carga de trabalho aumenta a cada etapa, das três horas semanais de treinos adotadas em média nas escolinhas, elas podem chegar a vinte horas na última fase de profissionalização (juniores), e o número de formadores envolvidos na produção dos jogadores/mercadorias (assistentes sociais, fisioterapeutas, preparadores, treinadores, nutricionistas, roupeiros, massagistas etc.) também cresce conforme a progressão de faixas e consequente valorização do produto. O tempo total em atividades físicas acumuladas ao longo dos anos pode superar as cinco mil horas, mas a disponibilidade exigida dos aspirantes não se limita aos treinos e jogos, inclui também o tempo de repouso obrigatório e de recuperação das lesões sofridas. Para aqueles que são efetivamente eleitos como futuros profissionais e

não moram na cidade (o que ocorre na maioria das vezes), os centros acrescentam dispositivos de controles mais efetivos: o vínculo contratual e o albergamento em regime de internato (concentração). Nesse caso, a subordinação se dá em tempo integral e se estende ao estilo de vida regrada, pois a maior parte dos rapazes tem poucos recursos, está longe de suas famílias e faz da concentração uma morada permanente.

Enfim, o quadro que a pesquisa de Arlei Damo trouxe ao público não apresenta o futebol como um caminho para ascensão social fácil, tal qual aparece no imaginário popular. Pelo contrário, a profissão é das mais concorridas e arriscadas, com o agravante do próprio trabalhador ser produzido como uma mercadoria que nem sempre terá um valor reconhecido pelo mercado, podendo ser descartado a qualquer momento no meio do percurso. Se, mesmo assim, anualmente, milhares de garotos são levados a procurar as escolinhas e peneiras de clubes para ingressar no funil da carreira, é porque não conseguem dimensionar todos os percalços que terão pela frente, ou não têm melhores alternativas, ou mais provavelmente porque depositam especial confiança nas suas qualidades pessoais. Apoiados por familiares, amigos e agentes, muitos entre eles parecem acreditar que têm um dom diferenciado e sonham se transformar em astros do esporte. A crença na existência de um dom inato é socializada, fortalecida no grupo daqueles que reconhecem aptidões no garoto e podem conduzi-lo ao sucesso profissional. Portanto, o ingresso e a progressão num centro de formação reforçam cada vez mais essa convicção. Em última instância, caberá apenas ao público confirmar, ou não, se existe um dom incorporado nele e isso será decisivo para fixar o seu valor de mercado e para a sua circulação na cadeia de trocas, ou para o desemprego.

O autor dissecou o dom como categoria e examina os usos que dela fazem. Entre os boleiros o termo *dom* é usado ora como sinônimo de *talento*, ora como *dádiva* e com frequência de modo ambíguo que confunde as duas noções. Se entendido como talento, o dom reúne atributos inatos (corporais, sociais e simbólicos) que podem ser aprimorados e que comportam, também, um residual intangível à cultura. Em boa parte, a noção de talento no senso comum refere-se às mesmas qualidades particulares que os centros de treinamentos procuram identificar, desde o recrutamento, e lapidar em cada indivíduo ao longo de vários anos, aquelas chamadas no livro como “capital futebolístico”. Mas a ideia corrente comporta algo a mais, um instinto inexplicável que nasce com o jogador e é pré-condição para que o seu talento possa ser aperfeiçoado pelo treinamento.

Como dádiva, o dom também é uma predisposição inata, porém herdada por transmissão genética, ou concedida pela graça divina. Concebido dessa forma, não poderá ser melhorado por outros. A diferença entre as duas acepções, talento

e dádiva, pode parecer uma pequena nuance num início de carreira, contudo as benesses obtidas mais tarde através do dom pelo jogador, principalmente quando convertidas em dinheiro, poderão ser manipuladas e compartilhadas de modos distintos entre os que o cercam, conforme se compreenda a origem do dom e a quem ele pertence. Aqueles que enaltecem o dom como dádiva tenderão a distribuir parte importante dos ganhos entre os parentes e amigos que gravitam em torno do jogador, o seu *entourage*.

Os profissionais diplomados que atuam na área de formação frequentemente valorizam o papel das modernas técnicas de treinamento, atribuem importância cada vez menor aos talentos pessoais e, não raro, fazem ironias sobre a existência de dádivas. Em contrapartida, entre os dos jogadores e seus *entourages* são comuns as referências aos sucessos obtidos pelos portadores de dádivas recebidas como herança paterna ou vocação religiosa. Mas o autor observou que todos oscilam de modo oportunista entre as representações que fazem do dom, empregando as duas acepções conforme a conveniência de cada momento sem fazer distinção clara.

Para tentar apreender os muitos sentidos atribuídos à ideia de dom entre aqueles que vivem o mundo do futebol – os quais são identificados no livro com o uso da expressão etnológica “nativos” –, Arlei desenvolve uma longa discussão teórica. Ele recusa a substituição da categoria popular pelo clássico conceito sociológico de *habitus*, tal como ele é empregado por Bourdieu: uma estrutura mental incorporada na maneira de pensar e agir dos agentes sociais desde a infância. Nas estratégias de distinção social dos jovens boleiros, o dom é representado de múltiplas maneiras e a sua simplificação conceitual como *habitus* não daria conta da diversidade de empregos. Ele também prefere não tentar reduzir a ambiguidade contida na noção do senso comum e trocar a palavra *dom* pelo sinônimo mais preciso *talento*, pois assim perderia as sutilezas daqueles que no cotidiano a empregam simultaneamente como *dádiva*. Separar dádiva e talento seria uma artificialidade teórica, e ele opta por se aproximar dos fatos sociais da maneira como são entendidos pelos próprios “nativos” (ou seja, pela noçãoêmica) e evitar a abordagem por valores culturais pré-definidos pelo observador (o padrão ético de estudos etnográficos).

Portanto, ele preserva a categoria dom de uso corrente, com os seus significados imprecisos e flutuantes que só se definem pelo contexto em que a palavra é empregada, uma ideia curinga. É essa mesma indefinição sobre o que é o dom, como ele se manifesta e a quem ele pertence que permite aos parentes e amigos que orbitam os boleiros mais exitosos, criar, recriar e atualizar constantemente as representações do dom/dádiva, compartilhado de diferentes formas e mediado por todos no grupo. Inspirado pelas teorias da reciprocidade, particularmente

na obra de Marcel Mauss, Damo oferece, então, uma nova compreensão para aquilo que dirigentes, jornalistas e técnicos formadores costumam rotular como uma incapacidade cultural dos atletas para administrar as suas carreiras dentro de uma lógica capitalista e para preservar os bens materiais conquistados com seus capitais futebolísticos. Para os “nativos”, as benesses provêm da dádiva, tanto quanto do talento, e nas relações de reciprocidades precisam ser distribuídas entre os *entourages*.

Teria sido oportuno que, ao longo dos seus estudos etnográficos, o autor confirmasse se as amostras analisadas não estavam contaminadas por outra ordem de fatores culturais, distintos dos dons futebolísticos. Se os jogadores vi-
nham – como parece ser o caso de alguns – de regiões do país aonde prevalecem costumes tradicionais e resquícios da mentalidade familiar patriarcal, avessa ao individualismo, isso ajudaria a explicar, em parte, a necessidade de redistribuir os valores obtidos com o talento pessoal. São conhecidas as situações, principalmente em comunidades aonde as atividades produtivas ligadas a terra predominam, nas quais todos os membros são incentivados a contribuir para o grupo familiar com trabalho, ou em espécie, e, com frequência, cabe à figura paterna fazer a redistribuição equitativa dos ganhos materiais. É claro que essa forma de reciprocidade costumeira não seria excludente frente à retribuição dadivosa explicada pelo autor para o caso dos jogadores de futebol, pelo contrário, elas se encaixam na mesma lógica e se reforçariam mutuamente. Mas qual seria o peso de cada uma? A primeira estaria na raiz da segunda, ou seriam fenômenos inteiramente independentes?

Ao percorrer a trajetória de formação dos futebolistas, Arlei Damo deu passos importantes para o estudo da identidade dos futebolistas brasileiros. A sua decisão de preservar intactas as ambiguidades da noção “nativa” (êmica) e de recusar o uso conceitual (ético) ainda deixa no ar dúvidas sobre qual seria, então, a natureza do dom. São dois dons completamente distintos? O primeiro é um conjunto de representações simbólicas, e o outro existe positivamente como “capitais futebolísticos” adquiridos? Ou, então, os capitais não se confundem com o dom, que é pura representação e como tal não pode ser “lapidado” pelos treinadores? Será que uma força misteriosa do dom prevaleceria sobre o *habitus*? Há no futebol talentos essenciais inatos (os resíduos insondáveis) que não podem ser ensinados? Ou será que hoje, ao contrário, um atleta pode ser inteiramente fabricado, basta ter o biótipo procurado, e o dom é uma crença do senso comum? O único efeito do dom/dádiva é o de beneficiar os *entourages*? Ou essa crença influencia na maneira como se joga no país e explicaria parte do sucesso dos brasileiros no exterior? O dom futebolístico é entendido da mesma

maneira e cumpre as mesmas funções culturais em todos os países. Seria igual numa comparação com os franceses? Enfim, como todo bom livro, este é importante também pelo leque de novos problemas que instiga, nesse caso para a antropologia dos esportes.

Enquanto a maioria dos estudos sobre o futebol de espetáculo fixava os olhares sobre o palco gramado ou sobre a plateia em êxtase, Arlei Damos foi investigar nos bastidores, aonde os jogadores são produzidos para as apresentações performáticas, e descortinou ali dramas distantes da ficção. É uma abordagem original e fértil, leitura obrigatória para os pesquisadores e para os gestores de políticas públicas voltadas para a juventude. Poderia ser também uma leitura agradável para os aficionados do futebol em geral – o que aumentaria o impacto das revelações que faz –, se estivesse livre das digressões, do linguajar acadêmico e do pesado antropologuês, compreensíveis por se originar de uma tese de doutorado.

Recebido: 17/12/2010 – Aprovado: 24/05/2010